

PARTE I

Cidade grega de Corinto.

Uma cozinha. Melana, uma mulher que ainda não fez quarenta anos, morena, olha para a porta, como quem espera. Ouve-se um trovão. Percebe-se que o tempo está escuro no exterior. O lume aceso na chaminé é um pequeno foco de claridade.

Entra uma jovem de cabelo ruivo, Éritra, com um alguidar cheio de farinha. Ao longo da cena, vão preparando a massa para o pão. Há interrupções várias neste trabalho, o que faz com que leve muito mais tempo do que o habitual.

Éritra vem sacudindo-se da chuva e despeja a farinha sobre a mesa.

MELANA — A chover, outra vez? (*Vai confirmar, abrindo a porta*) A chover, sempre.

ÉRITRA — Não digas nada.

MELANA — Eu digo alguma coisa?

ÉRITRA — Pensaste.

MELANA — Ninguém manda no que pensa.

ÉRITRA (*segredando*) — Ela consegue ouvir-nos a pensar...

MELANA — A água já está quente? Vai deitando.

ÉRITRA — É isso o que me assusta mais que tudo.

MELANA — São coisas que meteste na cabeça.

Se ela ouvisse pensar, há muito tempo

Que me tinha matado... E os meus sonhos...

ÉRITRA — Que sonhos?...

MELANA — Só os deuses os conhecem.
ÉRITRA — Uma escrava tem sonhos, minha mãe?
MELANA — Tu não os tens?
ÉRITRA — Estás sempre a recordar-me!
MELANA — Que tu és uma escrava? Realmente
Parece que te esqueces muita vez.
Olha, desta barriga é que nasceste.
Uma filha de escrava escrava é.
ÉRITRA — E o meu pai?
MELANA — Já to disse e repeti!
ÉRITRA — Um escravo trácio que morreu nas minas.
MELANA — Exactamente. Um escravo trácio. E então?
ÉRITRA — E como era o seu nome?
MELANA — E tu insistes!
ÉRITRA — É que já me contaste tanta história...
E eu em nenhuma delas acredito.
MELANA — Amassa essa farinha. Não converses!
ÉRITRA — Que podemos fazer se não falar?
MELANA — Trabalhar. Não estás cá para outra coisa.
ÉRITRA (*coquette*) — Ora, às vezes parece que Jasão
Gostava de tirar-me da cozinha...
MELANA (*bate-lhe na boca*) — Não digas isso! Nunca digas isso!
ÉRITRA (*caindo em si e assustando-se também*) — Deixa! Ela não
ouviu! Ninguém ouviu!
MELANA — Ainda há pouco te disse. Não sabemos.
Vá, faz o teu trabalho. Conversemos
Sobre assuntos comuns. Ah, como chove!...
ÉRITRA — E é assunto comum que chova assim?
Toda a gente em Corinto passa a vida
A estranhar estas chuvas tão intensas.
Eu própria me recorde de como era
Cheia de sol esta cidade. E quente!
Os Invernos passavam num instante.
Desde que ela chegou, vivemos nisto...
MELANA — Lá voltas tu ao teu palavreado.
ÉRITRA (*rindo*) — É das ruivas! As ruivas falam muito.
MELANA — Onde arranjaste semelhante ideia?
ÉRITRA — Pois a princesa Glauce não é ruiva?

MELANA — E a que vem Glauce aqui?

ÉRITRA — Nunca se cala:

Faz as perguntas, e responde, e ri-se.

MELANA — Tu continuas a ir ter com ela!...

ÉRITRA — Se me manda chamar!... É a princesa.

Manda mais do que tu. Mais que Jasão.

MELANA — Menos que o rei. Se o rei to proibir...

ÉRITRA — Porque o faria ele? Quer ver a filha

Feliz, na companhia de outra jovem

Que é para ela uma irmã...

MELANA (*olha-a com ferocidade*) — Que desaforo!

Tu tem tento na língua, rapariga!

ÉRITRA — Que mal há no que eu disse? Nesta casa

O melhor é fingir que somos mudos.

MELANA — Ora aí tens! De um mudo não resulta

Desastre algum.

ÉRITRA — Corta-me a língua, então!

MELANA (*enternecendo-se*) — Filhinha. Minha filha!

ÉRITRA (*furtando-se à carícia*) — És tal qual ela!

Só escuridão. Merecem-se uma à outra.

MELANA — Que sabes tu, tontinha? Tu que sabes?

ÉRITRA — Sei o bastante para...

Voz de Jasão, fora de cena, aproximando-se.

JASÃO — Ela onde está?

Porque não se acha uma mulher em casa?

Melana esconde a filha por detrás de uma cortina. Jasão entra.

JASÃO — Tua senhora onde é que está?

MELANA — Não sei.

JASÃO — Isso é resposta que uma escrava dê?

MELANA — Como queres que responda?

JASÃO — Por acaso

Serás uma criança a quem eu tenha

De ensinar a falar? Não to pergunto

Pela segunda vez.

MELANA — Senhor, bem sabes...

JASÃO — Bem sei o quê, Melana?

MELANA — Onde ela foi.

JASÃO — Atrás da núbia?

MELANA — Sim.

JASÃO — Para muito longe?

MELANA — Como é costume. Até onde haja sol.

JASÃO — Que sentido faz isto?

MELANA — Não devia
Ver-se um marido andar correndo a casa
Em busca da mulher. Ainda que seja
Uma casa pequena.

JASÃO — Bem pequena.
A hospitalidade de Creonte,
Rei de Corinto, foi... bom... comedida.
(*Olha Melana com suspeita*) Foi generoso em oferecer-me a escrava
Mais bela do palácio, que eras tu...

MELANA — Ainda era nova...

JASÃO — E com a tua filha,
Mais uma boca para alimentar.

MELANA — O rei Creonte nunca te deixou
O celeiro vazio.

JASÃO — Para me engordar!
Não vês? Para me fazer ganhar barriga!
O herói dos Argonautas confinado
A um casebre! E a chuva que não pára!
E Éritra, onde está? Os seus cabelos
São o único sol que aqui há dentro.
Vai-ma buscar imediatamente.
Como te atreves a escondê-la, escrava?

MELANA — Ela foi ao palácio de Creonte.

JASÃO — Fazer o quê?

MELANA — É Glauce que reclama
A sua companhia.

JASÃO — E ela vai?

MELANA — Ora, senhor! Havia de não ir?

JASÃO — O que vê Glauce nela?

MELANA — Isso não sei.

Serão apenas duas raparigas.

JASÃO — Não há mais raparigas em Corinto?

E de condição livre?

MELANA (*com um assomo de orgulho*) — Éritra tem

Com certeza atributos que lhe agradam.

JASÃO — Com certeza... E eu que sou o seu senhor

Tenho de resignar-me... Muito bem! (*Lança um manto pela cabeça*)

Também vou ao palácio. E passarei

O dia inteiro junto de Creonte.

Esta casa parece uma caverna!

Sai. Melana vai buscar a filha.

ÉRITRA — Que grande medo é esse, minha mãe?

MELANA — Não vês que ele te deseja?

ÉRITRA — Vejo. E então?

É costume um senhor amar a escrava.

MELANA — Não se chama de amor um sentimento

Que existe só durante a escuridão.

ÉRITRA — Tu sabes do que falas...

MELANA (*com melancolia*) — Bem o sei.

(*Reagindo*) Vamos, vá, põe a massa a levedar.

ÉRITRA — Que pode uma mulher desejar mais

Do que agradar a seu senhor? Sendo ele,

Além disso, o herói de toda a Grécia...

MELANA — A glória deles não passa para nós.

Deles, para nós, só passam dores e filhos.

ÉRITRA — Quem te escravizou, mãe?

MELANA — É história antiga.

ÉRITRA — Que nunca me contaste.

MELANA — Eu ensinei-te

A temer as palavras. São um luxo

A que os Gregos se entregam por prazer,

Como o vinho e os jogos. Para nós,

É como alimentarmos a serpente

Dentro da própria boca. Quem espreitar